

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009, 175p.

*Anselmo Pereira de Lima**

Em meio a todas as obras hoje conhecidas e disponíveis sobre os trabalhos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, o livro de Adail Sobral desperta de imediato grande interesse. Isso se deve, dentre outras coisas, à promessa – logo na capa – de apresentar ao leitor as bases do pensamento bakhtiniano em um percurso que vai do dialogismo ao gênero.

Na introdução, o autor justifica sua empreitada declarando que, em nosso país, até o momento, parece não haver descrições dos conceitos e noções bakhtinianas que tenham explorado suas bases filosóficas, do modo como Sobral se propõe a fazer, afirmando: “meu interesse é fazer chegar uma dada maneira de entender o pensamento bakhtiniano a um público mais amplo” (p.16). O objetivo proposto é de mostrar que das considerações feitas por Bakhtin em sua filosofia do ato “iria se desenvolver aquilo que hoje se conhece como dialogismo” (p.7), disso resultando, subjacente a outros conceitos e noções bakhtinianas, “um dado núcleo de sentido parcialmente estabilizado” (p.9).

O livro está organizado em nove capítulos. No primeiro, “Dialogismo e interação”, o autor, após dar uma “breve notícia sobre a filosofia do ato”, descreve e discute o conceito de dialogismo, relacionando-o de modo muito pertinente à concepção bakhtiniana de interação, que ele descreve como “radicalmente dialógica”. Ao abordar dialogismo e interação, abordam-se também os sujeitos neles implicados, razão pela qual, no capítulo 2, “A concepção de sujeito do Círculo”, o autor apresenta e discute as características essenciais do sujeito presente nas teorias bakhtinianas. Em “Autoria e Estilo”, capítulo 3, o autor discute o conceito de enunciado, estritamente relacionado ao de autoria, articulando estas noções com o conceito de estilo. Ao longo das discussões apresentadas no capítulo 4, “Significação e tema”, o leitor encontra desenvolvida a ideia de que esses dois conceitos se constituem como um dos pontos de convergência dos vários conceitos bakhtinianos (p.81), dentre eles os de diálogo, interação e sujeito.

No capítulo 5, “Entoação avaliativa e responsividade ativa”, o leitor verifica que o locutor manifesta uma entoação avaliativa com relação ao que diz, ao objeto de seu dizer e a seu interlocutor. Verifica, ainda, que o interlocutor, tomando a palavra, responde ativamente ao locutor em função dessa entoação avaliativa: o interlocutor se torna locutor. No sexto capítulo, “Enunciado concreto e discurso”, além de uma discussão que articula esses dois conceitos, é apresentada uma definição de texto em sua relação com discurso “de uma maneira que se pretende inovadora”, conforme aponta Sobral (p 18).

*Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Pato Branco, Paraná, Brasil; selmolima@hotmail.com

No capítulo 7, “Elementos da teoria estética em seu vínculo com a questão do gênero”, sob a ótica da arquitetônica do trabalho autoral, é apresentada uma discussão sobre a relação orgânica e genérica existente, nas obras de literatura, entre o material, a forma e o conteúdo. No capítulo 8, prenunciado pelo capítulo anterior e tendo por título “Ver o mundo com os olhos do gênero”, o leitor é conduzido ao ponto de chegada do percurso proposto pelo autor: o gênero a partir do dialogismo. Nesse capítulo, Sobral apresenta e discute as características básicas do gênero, considerando os conceitos já trabalhados e apresentando os conceitos de “intergenericidade” e de “fase parasitária” na formação de gêneros, ambos desenvolvidos em sua tese de doutorado defendida em 2006. O autor apresenta, ainda, alguns “breves princípios para uma análise de gêneros”, tanto em nível macro quanto micro.

Finalmente, no capítulo 9, “Uma possível análise”, após afirmar que seu objetivo é “mostrar (...) que todo texto é mobilizado por um dado discurso e que este é interpelado por algum gênero e que por isso o texto só faz sentido se articulado à sua inserção discursiva e genérica” (p. 136-137), o autor aponta uma dentre tantas outras possibilidades de investigação do dialogismo e do gênero, oferecendo ao leitor um excelente exemplo de análise da capa de um livro pertencente a uma vertente de auto-ajuda. Como conclusão da obra, Sobral apresenta o que denomina uma síntese das bases filosóficas da concepção bakhtiniana de sentido, as quais – de fato – permeiam todos os capítulos do livro, bem como um interessante resumo do que chama de “tarefas” empreendidas pelo Círculo de Bakhtin.

Uma das características fundamentais da obra bakhtiniana é a apresentação – em diferentes textos – de diversos conceitos e noções inter-relacionados, os quais concorrem para oferecer ao leitor uma visão do todo orgânico da realidade a que se referem. Essa inter-relação e concorrência, entretanto, só começam a ser percebidas no decorrer do árduo trabalho de leitura atenta, minuciosa e assídua das obras do Círculo. O livro de Adail Sobral tem o grande mérito de se constituir como uma ajuda quase indispensável nesse processo, pois, em uma síntese magistral, apresenta ao leitor alguns dos principais conceitos bakhtinianos em sua inter-relação viva e dinâmica. Isso se deve, dentre outras coisas, a seu caráter didático, que consiste principalmente em retomar as mesmas questões e a elas articular outras, ainda não abordadas, sempre de modo sucessivo e sistemático, ao longo dos diferentes capítulos e com palavras diferentes a cada vez. Por se tratar de um “roteiro de leitura”, o autor (p.10-11) admite privilegiar alguns conceitos específicos da obra do Círculo, especialmente os que figuram nos títulos dos capítulos, enquanto outros – ao que parece – são mencionados e, às vezes, comentados apenas pela relação orgânica existente entre os diferentes conceitos bakhtinianos. Além disso, a retomada de certas questões às vezes acontece, em extensões variadas, por repetições de palavras (cf., por exemplo, p. 38, 45, 150,152).

Entretanto, os conceitos bakhtinianos não-privilegiados – mas presentes na obra de Sobral – parecem servir como convite para que os leitores vão diretamente aos textos do Círculo e, de posse das pistas apresentadas pelo autor, desvelem seus sentidos, suas possibilidades. Sobral diz claramente que não pretende “evocar todas as questões nem

explicar a contento todas as teses do Círculo” (p.10). A retomada de certas questões em alguns pontos da obra pelo recurso da repetição de palavras é condizente com a perspectiva bakhtiniana, na medida em que o uso da(s) mesma(s) palavra(s) em contextos diferentes produz novos sentidos, conforme lembra Sobral em seu capítulo “Significação e tema” (p.74). Desse ponto de vista, o mais importante é procurar e encontrar o outro no mesmo, o criado no dado, o novo no velho, pois, se as palavras são as “mesmas”, o mesmo não se pode dizer de seus contextos.

Ao lermos a obra de Sobral, criamos a seguinte expectativa, dentre outras: acompanhar uma discussão que explorasse mais a fundo, e de modo mais articulado com os demais conceitos, o problema da noção de “projeto enunciativo”, presente nos escritos do Círculo de Bakhtin e recorrente na obra do autor (cf., por exemplo, p. 38, 45, 70, 96, 118, 129). Apenas na página 91, em dois parágrafos, essa questão é trabalhada de modo um pouco mais desenvolvido. Citando o artigo de Bakhtin sobre o problema do texto, o autor diz que entre o projeto enunciativo e sua execução pode haver *divergências*, ocorrendo – em função delas – modificações introduzidas pelo próprio locutor em seu projeto enunciativo. A essas modificações Sobral denomina *modulações*.

Essas modulações, por sua vez, são da ordem do processo de desenvolvimento do ato, e não da ordem do produto. A partir da página 91, essa questão, fundamental para o percurso que vai do dialogismo ao gênero, parece desaparecer do texto do autor, sendo apenas retomada *très en passant* em alguns pontos da obra. O capítulo 9, “Uma análise possível” – parece ressurgir na forma de uma promessa: “dar uma ideia da relação entre o projeto enunciativo, as modulações do projeto enunciativo ao longo de sua realização e o ‘produto’ final” (p. 137).

O leitor interessado nessa questão fica um pouco mais satisfeito. Entretanto, o cumprimento dessa promessa (cf. p. 146-147) é parcial e não muito convincente, pois sendo essas modulações da ordem do processo de desenvolvimento do ato, e não da ordem do produto, fica a pergunta: como as modulações poderiam ser mais amplamente apreendidas no produto resultante do processo de produção de uma capa de livro? Além disso, Sobral não apresenta claramente em sua análise as divergências existentes entre o projeto enunciativo da capa investigada e sua execução, nem a natureza e as causas destas divergências.

Considerando que o processo de produção da capa permite verificar a quase plenitude das modulações de um certo projeto enunciativo ao longo de sua execução, incluindo-se as divergências, o mesmo não se pode afirmar sobre o produto, isto é, a capa. Ainda que o produto, em certa medida, deixe algumas marcas para a reconstituição do processo de produção, estas marcas são – em sua maior parte, se não no todo – removidas de certos produtos (como é o caso da capa analisada), assim como são removidos os andaimes empregados na edificação de um prédio. Desse modo, parece faltar à obra uma exploração e uma concepção analítica mais radical e empírica dos fenômenos que, começando pela filosofia do ato, são processos, e não produtos na obra do Círculo de Bakhtin. Essa postura teria, inclusive, implicações sobre a escolha do objeto a ser analisado e sobre os diferentes modos de analisá-lo.

LIMA, Anselmo Pereira de. SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009, 175p. *BAKHTINIANA*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 168-171, 2º sem. 2010

Entretanto, não se pode exigir do autor aquilo a que ele não se propõe. Nesse sentido, o livro tem outro grande mérito: em poucas páginas e com um didatismo inédito, Adail Sobral brinda o leitor interessado nos escritos do Círculo de Bakhtin com uma síntese magistral da inter-relação viva e dinâmica existente entre alguns dos conceitos-chave bakhtinianos, além de conseguir alimentar o grande diálogo cuja última palavra nunca é dita, bem ao estilo do Círculo. Não se pode subestimar esse feito, pois – como diz Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* – “quando termina o diálogo, tudo termina”. E se tudo termina, já não resta mais percurso que poderia ir do dialogismo ao gênero. Esse, definitivamente, não é o caso de Sobral em sua tão importante obra. Com ele, o diálogo continua.